

MODELO DE NEGÓCIO

INFORME SETORIAL

‘Transformar o mundo é modelo de negócio’

Broadcast

Daniel Izzo é CEO da Vox Capital, principal gestora de investimentos de impacto do Brasil, com carteira com mais de R\$ 518 mi em projetos. O executivo acredita que as empresas não vão se sustentar sem trabalhar em prol de soluções.

Em 2020 e 2021, a agenda ESG dominou a pauta de gestores e empresários. Mas, para 2022, a discussão parece não ser suficiente. Ao menos este é o posicionamento da Vox Capital, principal gestora de investimentos de impacto do Brasil, com mais de R\$ 518 milhões investidos.

Em carta a lideranças do mercado, antecipada em primeira mão ao E-investidor, o CEO Daniel Izzo e o COO Gilberto Ribeiro fazem um chamado à responsabilidade: frente ao nível atual de mudanças climáticas e aprofundamento das desigualdades sociais, falar de ESG e de metas de sustentabilidade não basta.

Para a gestora, os agentes do mercado precisam repensar suas atuações para além da mitigação de danos, e avançar em direção à regeneração. “A Vox entende que, para alcançarmos um mundo 100% regenerado, as empresas de pequeno, médio e grande porte têm de alinhar as metas financeiras às metas de impacto

socioambiental porque, na essência e apesar dos desafios, elas se retroalimentam”, diz a carta. Confira abaixo trechos da entrevista com Izzo.

Na carta, vocês dizem que a palavra regeneração é tão fundamental quanto abrangente. Quando falamos do mundo 100% regenerado, estamos falando de quê?

O 100% regenerado, obviamente, é uma utopia, mas trabalhamos com isso como forma de manter nosso movimento. Falamos em “regenerado”, ao invés de sustentável, porque já passamos do ponto de se contentar com o zero a zero. Já estamos em um caminho rápido de mudanças climáticas, e a pandemia acelerou a desigualdade social. Esse é o momento de a gente fazer uma curva, trabalhar para restabelecer os ecossistemas, com equilíbrios mais saudáveis de carbono na atmosfera e de distribuição de renda. O mundo 100% regenerado dá uma direção de reconstrução. E que não é voltar atrás, mas, sim, através das tecnologias e recursos que temos hoje, trabalhar para tornar a nossa vida no planeta mais saudável.

Já se fala muito de ESG, metas de sustentabilidade e descarbonização. Mas vocês defendem que é preciso ir além das soluções de contenção de danos. O que mais precisa ser feito?

Ainda estamos no lugar de mitigação. Tanto de impactos, mas também um lugar ainda oportunista de mitigação de riscos. A questão de criar um mundo melhor através dos modelos de negócio ainda não está clara nessa intenção, isso não está tão explícito. Então, é como se eu fizesse um produto que eu já fazia antes, mas agora tomando cuidado com afluentes, eu cuido para ter diversidade no meu time de gestão. Poucos estão efetivamente colocando a criação desse mundo mais regenerado. O passo que precisa ser dado é todo mundo colocar realmente dentro da intenção do seu modelo de negócio, da sua gestão, o objetivo de transformar o

mundo para melhor. Assim, eu tenho certeza que estaríamos sendo mais eficientes na transição para um mundo mais sustentável.

Parte desse discurso está apenas na teoria?

Sim. O que eu acho positivo, de qualquer forma, é que mesmo quem faz isso como mitigação de risco está respondendo a uma demanda crescente. O meu otimismo mora nessa onda. Uma das coisas que o ESG ainda não está vendo e que nós, do investimento de impacto, achamos muito importante é não olhar só para como eu faço o que eu faço. Mas também para o que eu estou fazendo. Exemplo: se eu tenho um produto que contribui para o aumento de diabetes ou obesidade infantil. Não adianta cuidar do afluente de água ou ter diversidade no board se a forma como eu ganho dinheiro é através do aumento da obesidade infantil. Isso também precisa ser colocado na conversa.

Muitos gestores e CEOs ainda não estão dispostos a alinhar as metas de impactos socioambientais, como vocês sugerem na carta, aos objetivos financeiros de seus negócios, receosos com uma possível queda nos rendimentos. Como convencer as empresas de que ambas as metas podem caminhar juntas?

Eu tenho uma visão de que, em algum momento, as empresas não vão conseguir se sustentar e existir sem estar trabalhando em prol de uma solução. Olhando mais como gestor, eles estão deixando de fora uma dimensão de risco que vai se tornar cada vez mais importante. Não só essa questão mais de longo prazo, de aquecimento global, mas de coisas mais imediatas, como as cobranças do público. O pessoal está muito mais em cima, escândalos estão aparecendo. Então, se você não está olhando para isso e cuidando desses impactos em relação a seus stakeholders, está colocando seu negócio em risco.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 443 – Em 02 de maio de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.